

Vacina contra a cólera: apoio.

Mesmo sem estar licenciada e ter sido aplicada apenas em diferentes condições epidemiológicas, a vacina oral contra a cólera oferecida por um laboratório francês ao ministro Alceni Guerra deve ser testada em Tabatinga, no Amazonas, na opinião do coordenador do Programa de Desenvolvimento de vacinas da Organização Mundial de Saúde, o imunologista Paul Henri Lambert.

Ele não considera que os brasileiros serão cobaias. "A segurança da vacina já foi testada e os suecos foram as cobaias", afirmou. "O máximo que pode acontecer é uma baixa taxa de imunização, mas sem fazer os testes não podemos saber". De acordo com o médico, a vacina oral contra a cólera foi desenvolvida pela Universidade de Gothenburg, na Suécia, para combater a epidemia de cólera em Bangladesh. E funcionou, com uma taxa de imunização, no primeiro ano, de 85% em relação à bactéria da cólera do tipo clássico.

Mas o efeito não foi tão bom quanto à bactéria do tipo El Tor, o mesmo que está atacando a América Latina: a vacina protege em apenas 45% dos casos. O produto a ser testado no Brasil foi produzido pelo laboratório francês Merrioux a partir da vacina dos suecos, mas tem as mesmas características. "Teoricamente, os resultados também seriam baixos na América Latina, mas é preciso testar para saber", afirmou.

Nem a vacina sueca nem a francesa receberam, ainda, a licença para serem utilizadas em massa. "Além da baixa proteção contra o El Tor, a imunização cai para 45% após o primeiro ano, o que significa nova vacinação a cada ano", lembra Lambert. O produto também não funciona em crianças com menos de cinco anos. "Depois de seis meses da aplicação, a taxa de proteção cai para 20%". Quanto à antiga vacina contra a cólera, fabricada em diversos países e pelo Instituto Butantã, em São Paulo, Lambert é categórico: é totalmente ineficaz e seu uso não é aconselhável. (L.K.)